

RELATÓRIO XIKRIN DO BACAJÁ

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL

Data / / Cod. XBD000000

Pesquisador: William Harry Fisher

Instituição: Universidade de Cornell e Universidade de São Paulo

Pesquisa : A Relação Entre os Usos Materiais e Simbólicos de Vegetais pelos Kayapó-Xikrin.

Autorização: nº005/Pres/84

da FUNAI

INTRODUÇÃO :

O presente relatório tem por objetivo fornecer informações gerais recolhidas durante o período de julho a setembro e de janeiro a abril dos anos de 1984/1985. Tais informações foram agrupadas nos seguintes temas:

- a) População
- b) Aldeia
- c) Divisões Políticas
- d) Atividades Econômicas em geral
- e) Caça
- f) Pesca
- g) Roças
- h) Coleta/Extratativismo
- i) Educação
- j) Saúde
- k) Invasão da Reserva
- l) Vida Cerimonial

Além disso, apresento um breve histórico da pesquisa e suas perspectivas.

POPULAÇÃO

A população atual da aldeia Xikrin é de 172 pessoas, o que representa um aumento em relação a 1971, quando o número de habitantes era estimado em 107 pessoas (Fernandes, 1971). Nos últimos cinco anos, a população permaneceu estável devido à alta taxa de mortalidade e à migração, apesar do nascimento de muitas crianças, sendo a malária, endêmica na região, a maior responsável pelos óbitos. A mortalidade infantil é elevada; durante a segunda metade de 1984 e os primeiros meses de 1985, nasceram 8 crianças das quais quatro morreram.

Por outro lado, o crescimento da aldeia Xikrin deve muito às imigrações de índios não Xikrin num passado recente. Inclui-se na população adulta três homens e duas mulheres Kararaô do Penetecal, um jovem homem Kararaô do Iriri, um homem oriundo do P.I. Bau, Mauré, que é no momento capitão de uma das duas sociedades de homens existentes na aldeia. Entre os provenientes de outros grupos incluem-se um homem Gavião e duas mulheres Parakanã, aprisionados pelos Xikrin. Na aldeia mora uma família de regionais cujo pai, Tukum, fala Kayapó e se diz meio-irmão de Mauré. Segundo membros desta família de 8 pessoas, eles foram forçados a abandonarem sua casa à beira do Rio Xingu devido a problemas com as autoridades. Recentemente eles convidaram outro parente, Jair, para se juntar a eles na reserva. Encontram-se ainda na aldeia Xikrin do Bakajá dois homens procedentes da aldeia Xikrin do Cateté.

A grande proporção dos índios de outras aldeias na população total da aldeia do Bakajá é vista nos seguintes dados; 16 imigrantes não Xikrin (13 ainda vivos) geraram 35 crianças, isto é, um terço da população inferior a 20 anos. Observa-se que 29% da população total resulta diretamente da chegada dos imigrados.

Ver distribuição da população por faixa etária dada a seguir. Nota-se que, na faixa de 15-19 anos, há poucos homens e mulheres solteiros. Estes indivíduos, uma vez livres das obrigações com a família nuclear, têm um papel importante entre os Xikrin,

pois desempenham funções especiais na vida ritual e econômica do grupo. Vários Xikrin manifestaram que uma aldeia bonita deve ter ampla representação nesta faixa, sendo chamados os jovens homens e mulheres solteiros respectivamente menõrõny e meprintire. Esta situação deverá melhorar daqui a 5 ou 10 anos, se não houver mais fatalidades ou migrações, quando os meninos e meninas de 5-9 anos chegarem a pertencer a estas classes de idades.

Os jovens podem encontrar dificuldades na escolha de sua parceira em virtude da pequena população e dos laços de parentesco entre os Xikrin que se estendem a quase todos os habitantes da aldeia e impedem o casamento. Nas vezes que a mulher recusa a casar-se ou que o casamento não dá certo, a emigração se torna uma alternativa. Um rapaz está pensando em deixar o Bakajá a procura de outra aldeia Kayapo para se casar.

DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO por FAIXA ETÁRIA e SEXO em ABRIL de 1985.

IDADE (anos)	MASCULINO	FEMININO	TOTAL
0-4	18	14	32
5-9	17	27	44
10-14	09	06	15
15-19	07	14	21
20-24	07	06	13
25-29	03	06	09
30-34	04	03	07
35-39	05	05	10
40-44	05	02	07
45-49	01	04	05
50-54	01	01	02
55-59	03	02	05
+60	02	00	02
TOTAL	82 Homens	90 Mulheres	172 Pessoas

A ALDEIA

Nos primeiros meses de 1984 uma nova aldeia foi construída em forma circular, a aproximadamente 100 metros da antiga aldeia. Um novo campo de pouso com as dimensões de 450m x 30m foi também aberto. O círculo é composto de 21 casas das quais 5 estão divididas internamente por paredes que separam famílias nucleares. As casas são construídas no estilo regional, com paredes de barro e cobertura de duas águas feitas com folhas de babaçu. As casas dos capitães possuem uma área pública e, nesses casos, as paredes são construídas por pranchas feitas de estreitos troncos de árvores de pequeno porte. O pátio da aldeia, onde se reúnem os homens para cantar e fazer seus discursos, está localizado no centro do círculo, num ponto equidistante das casas dos dois capitães principais. À noite, as mulheres e, às vezes os homens, se reúnem na frente da casa do capitão Onça.

Na antiga aldeia, as casas formavam duas filas separadas por uma rua. A construção da nova aldeia foi uma oportunidade para que os Xikrin atualizassem a ordem das casas, conforme o critério tradicional de matri-afiliação e matrilocidade assim como o realinhamento dos indivíduos nas duas facções políticas existentes na aldeia. A questão do parentesco precisa, entretanto, ser mais exaustivamente observada. A família dos regionais resolveu não fazer sua casa no círculo da aldeia. Esta se encontra ao lado das três casas do posto da FUNAI.

A construção da nova aldeia foi um fator positivo e fornece mais um motivo para a retomada de várias cerimônias que os Xikrin deixaram de fazer durante muito tempo, uma vez que a "praça" circular é mais apropriada para sua realização. A posição das casas têm uma grande importância para os Xikrin porque os segmentos residenciais são associados a nomes pessoais, papéis cerimoniais, direito de usar itens específicos de adorno pessoal como em outros grupos Kayapó. Isto também contribui para a formação dos jovens, pois agora, apesar de não ter construída uma casa dos homens, os rapazes solteiros e outros meninos podem dormir no meio da "praça", lugar onde os Xikrin consideram correto que eles durmam.

A construção de uma casa dos homens está sendo contemplada, mas a falta de entrosamento entre as duas facções políticas tem impedido até agora a realização desse projeto,

O grupo de homens chefiado por Mauré construiu uma outra aldeia a duas ou três horas de remo acima do posto pelo rio, onde eles abriram várias roças. Para cuidar dessas roças, se tornam necessárias viagens constantes para este lugar que se chama "Pirarara". É comum este grupo, em companhia das suas mulheres lá permanecer durante dias, semanas ou meses, dependendo do trabalho a ser feito e do estado das relações entre os dois grupos de homens. as casas de Pirarara são iguais às estruturas presentes na aldeia principal, mas falta a colocação de paredes de barro. Estas casas são densamente agrupadas num conglomerado pequeno e não estão dispostas em forma circular.

DIVISÕES POLÍTICAS

Os homens Xikrin do Bakajá são divididos em duas facções políticas. O presente alinhamento de homens é de poucos anos de duração, e apesar de ser uma situação normal em aldeias Kayapó, a origem dessa cisão merece um estudo mais profundo.

Um grupo chefiado pelo capitão Onça conta com 19 homens adultos enquanto o outro grupo chefiado por Mauré dispõe de 14 homens. as facções políticas distinguem-se das sociedades dos homens de outros grupos Kayapó pois não tomam parte como grupos em atividades cerimoniais, e nem se opõem em contextos simbólicos. Por exemplo, os Kayapós de outras aldeias ocupam lugares distintos de assento no centro da Praça da aldeia dependendo de sua afiliação a uma facção, o que não ocorre entre os Xikrin. De fato, muitos membros do grupo de Mauré não participam das danças e ritos coletivos. Nota-se sem dúvida a influência dos regionais que pertencem a este grupo. Neste grupo fazem-se menos caçadas coletivas e age-se com maior frequência individualmente nas atividades quotidianas. A roça coletiva destes homens se caracteriza por apresentar traços comuns à população

regional, tais como a monocultura e a disposição em fila do plantio, o que contrasta com as roças tradicionais.

Várias mulheres casadas com homens do grupo do Mauré se recusaram a sair da aldeia principal e a participam nas atividades coletivas junto com as mulheres pertencentes ao grupo de Onça. O grupo de Mauré é mais suscetível às tensões internas, o que foi evidenciado numa ocasião pela volta precoce do grupo, de uma expedição para coletar castanhas devido a uma briga entre os participantes.

Ultimamente, certos homens do grupo do Mauré estão se juntando com os homens chefiado por Onça para o desempenho de atividades específicas como as caçadas.

A compreensão do sistema de facções é crucial para qualquer programa de assistência à aldeia, pois qualquer aparência de favoritismo entre os dois lados corre o risco de aumentar ainda mais o nível de tensão na aldeia. A discordância entre as facções deixou um saldo negativo 3 anos atrás quando junto com um surto de malária enfraquecendo a população, os índios abandonaram a prática de abrir roças comunitárias. Isto teve como resultado a falta de farinha culminando na fome que assolou a comunidade durante minha primeira estadia, de julho a setembro de 1984.

A influência das mulheres nas composições das facções dos homens não pode ser ignorada, havendo inclusive casos de mudança de uma facção para a outra devido à pressão das esposas. No entanto, as mulheres adultas parecem sofrer menos a tensão que prevalece entre homens de grupos distintos já que todas as mulheres participaram juntas das cerimônias que ocorreram durante minha estadia na aldeia.

ATIVIDADES ECONÔMICAS

os Xikrin se dedicam a caça, a pesca e a coleta de castanha-do-Pará na época chuvosa. A coleta de certas plantas silvestres é importante em certas estações, propiciando uma variação à dieta

Xikrin e fornecendo matéria prima para o artesanato. As tarefas ligadas a essas atividades são desempenhadas segundo uma estrita divisão social de trabalho fundada sobretudo nos papéis sexuais.

A investigação de tais atividades resultou nas seguintes hipóteses que podem ser consideradas preliminares: a produção de alimentos e bens é feita por famílias nucleares individuais. Portanto, a organização dessas atividades é determinada por grupos mais amplos que a unidade familiar. Esses grupos mais abrangentes incluem:

- 1) os membros mais velhos do segmento residencial.
- 2) classes de idade.
- 3) o conjunto das mulheres adultas.
- 4) os homens divididos nas suas sociedades
- 5) os capitães, os adultos mais velhos têm um poder decisório maior na determinação de atividades.
- 6) O chefe de posto da FUNAI influencia as decisões

Esta situação significa que nem sempre as decisões do grupo vão ser ideais para uma dada família. É importante frisar que não há poder coercivo para forçar aderência à decisão do grupo. Contudo, os índios afirmam que indivíduos que não seguem a maioria "não entendem/escutam" e esta avaliação por parte da comunidade pode ter consequências práticas como a não participação no acabamento das paredes da casa de tais indivíduos. um tema importante da minha pesquisa, que requer mais tempo na aldeia, é a investigação do mecanismo da tomada de decisões pela comunidade.

CAÇA

Caçar é uma atividade exclusivamente masculina. A arma preferida é a espingarda. Frequentemente, cães acompanham os homens e são muito eficientes na procura e perseguição da caça. O modo mais comum de caçar é o coletivo, onde a maioria dos homens ligados a um chefe escolhe o dia e a área de atuação. Uma vez na área, o grupo se separa, homens saindo em grupos de dois ou sozinhos. Dado que a concentração de pessoas na área é elevada, os caminhos dos caçadores se cruzam com frequência. Este método de caçar tem vantagens e desvantagens.

A caçada individual é a preferência dos regionais que moram na aldeia e é praticada esporadicamente por homens Xikrin, especialmente pelo capitão Onça e por alguns imigrantes do Kararaô. Meus dados indicam que as caçadas solitárias são mais produtivas. No entanto, espera-se encontrar outras razões para as caçadas coletivas entre os Xikrin, das quais se podem destacar as seguintes: 1) As caçadas estão ligadas aos rituais do grupo. O casamento (ritual da esteira) e às numerosas festas de nomeação, requerem um grande berarubu, torta de caça no primeiro caso e jaboti no segundo.

2) A execução de certas danças é favorável às caçadas e quase sempre, as caçadas coletivas são precedidas por uma dança coletiva na noite anterior.

3) As caçadas coletivas também são feitas em resposta aos pedidos das mulheres que em grupo em certas épocas xingam os homens, protestando que não há comida na aldeia;

4) As caçadas coletivas costumam ser efetuadas por grupos de classes de idade e servem para identificá-los no plano econômico, reproduzindo, assim sua identificação na esfera ritual.

5) As caçadas, como outras atividades coletivas são indicadores valiosos para o grupo fazer uma auto-avaliação de seu potencial perante atividades futuras, e é um dado muito importante para a psicologia Xikrin. Desde pequeno o Xikrin vê na reação de seus colegas da mesma faixa etária um indicador de seu status e estado de bem-estar social. O fenômeno de depender num grupo de colegas, em vez dos pais ou parentes, para sanções ou aceitação de comportamento, é muito enraizado na cultura Xikrin e exige um tratamento antropológico mais detalhado, incorporando dados e observações sobre o processo de socialização. Parece esta análise fundamental para explicar o comportamento do grupo pois o processo de produção poderia resultar numa sociedade marcada pelo individualismo, o que não ocorre, já que o coletivismo é um traço marcante na vida dos Xikrin.

O homem é responsável pelo esartejamento da carne, que posteriormente é entregue a sua esposa (ou mãe se não for casada). As mulheres são responsáveis pela redistribuição da carne entre seus parentes e os de seu marido. assim as

mulheres tem uma grande influência sobre quem recebe os produtos do trabalho masculino, sendo também responsáveis pela distribuição de víveres e a questão da propriedade é um assunto que foi pouco investigado nas sociedades Kayapó.

Os capitães, por sua vez, determinam em várias instâncias, a produtividade de cada homen, através da distribuição desigual de cartuchos que recebem do chefe do posto. Homens sem munição caçam apenas jaboti que, aliás, é o animal obtido com maior frequência. Em certos casos, o jaboti é a caça preferida, como em rituais de nomeação e para a dieta de mulheres grávidas e crianças pequenas. Os Xikrin obedecem a uma série de proibições alimentares relacionadas aos animais, especialmente em casos de gravidez ou doença, e que leva em conta o sexo e classe de idade do indivíduo.

Outros animais caçados na região são o veado, o caititu, quatro tipos de tatu, a anta, a paca, o mutum, o jacu e o macaco. Os macacos Mão d'Ouro e Guariba não são comidos pelos Xikrin. As caças coletivas são feitas, em média, duas ou três vezes por semana, durante a estação chuvosa e, com menor frequência na época seca, quando o peixe substitui, em grande parte, a carne na dieta Xikrin.

A PESCA

A pesca é, também, uma atividade exclusivamente masculina. Contudo, é uma atividade preferida dos meninos, que desta forma podem contribuir à alimentação de suas famílias.

Como assinalado em cima, a pesca se torna a atividade mais comum com a baixada das águas no rio e os igarapés na estação seca. Durante os meses de janeiro e fevereiro, a grande maioria dos homens deixam de pescar, optando pela caça e a colheita da castanha. Nas outras épocas, a pesca é praticada quase diariamente, podendo ser feita em três ou quatro horas pois a produtividade aumenta na medida em que se afasta do trecho do rio frente à aldeia. Com a diminuição do nível das águas, os índios usam a técnica de timbó nas grotas afluentes do rio Bakajá, assim como

arcos e flechas e anzóis com linha de nylon empregados pelos índios nas grotas e igarapés o ano todo. Apesar dessas últimas técnicas serem de natureza solitária, os Xikrin foram observados fazendo pescas coletivas em ocasião de cerimônias com anzol e linha além da eficaz pesca de timbó.

Como na procura de caça, a mobilidade é um fator importante para uma pescaria produtiva. Atualmente, há uma falta de canoas na aldeia, situação que não deve durar muito mais tempo, pois os Xikrin junto com o chefe do posto visam um projeto de construção de canoas ainda nos meados deste ano. Um outro problema constante é a falta de combustível para os dois motores tipo "rabudo" existentes na aldeia. Isto deve ser solucionado logo que os índios receberem pagamento para a castanha do Pará colhida no início deste ano.

A única proibição alimentar relacionada aos peixes é aplicada ao piranha em certas circunstâncias. Assim toda espécie de peixe é saboreada pelos Xikrin incluindo a piranha, pescada, pacu, surubim, trairão, etc.

AS ROÇAS

Os Xikrin cultivam um número elevado de variedades botânicas nas suas roças incluindo pelo menos cinco variedades de batata-doce (jât), nove de milho (bay), nove de banana (tyryti), além de mandioca (kwÿrÿ), macaxeira (kwÿrÿdjôx), Mamão (katenbâri), cara (môp), abóbora (katênh). A roça coletiva do Pirarara cultiva ainda melancia e arroz.

As roças produzem durante vários anos. No primeiro ano é colhido milho, batatas e parte da macaxeira e no segundo ano a mandioca é tirada para fazer farinha. Depois disso, os índios continuam voltando durante vários anos para colher mamão, bananas e abóbora. Os produtos comidos com mais frequência pelos Xikrin são batatas e bananas durante o tempo que permaneci na aldeia. Talvez isto mude quando as grandes roças coletivas de mandioca plantadas no ano passado virão a ser aproveitadas no

final de 1985.

O modo de abrir a roça envolve as etapas da broca, derruba e queima, típicas da floresta tropical. As sementes e mudas no plantio são guardadas da safra anterior. Em 1984, os Xikrin esperavam expandir seu repertório de cultivos e o chefe do posto comprou sementes com essa finalidade. Infelizmente, essas sementes foram estocadas na Ajudância de Altamira e nunca foram mandadas ao posto.

Os instrumentos de trabalho são o facão, o machado de ferro, a enxada e uma motosserra que também é usada para outros serviços, como a limpeza dos trilhos e a fabricação de canoas.

As roças são de dois tipos: particulares, pertencendo a uma família nuclear ou a um segmento residencial, e roças comunitárias pertencendo aos chefes das facções políticas. As roças comunitárias são especialmente aproveitadas para abastecer o grupo antes e durante ocasiões de cerimônia, mas também são utilizadas em outras épocas. Como mencionado acima, a grande roça do grupo do Mauré está situada três horas a remo acima do posto. Uma das roças do Onça está uma hora e meia abaixo do posto pelo rio. Em 1984 as grandes roças de cada facção foram abertas com a ajuda de todos os homens desses grupos descontando os mais velhos. Essa tarefa é organizada por classes de idades segundo um relatório sobre os Xikrin do Bakajá (Muller, et al. 1979), portanto eu não observei isto durante minha estadia. Certamente, uma maior compreensão da organização desse trabalho é crucial para entender tanto o sistema político dos Xikrin quanto o potencial agrícola dessa sociedade.

Enquanto a divisão do trabalho, os homens derrubam, brocam e queimam as roças enquanto as mulheres são responsáveis pela plantação. Esta norma se aplica mais às culturas tradicionais como a batata doce, sendo que as culturas novas são plantadas pelos homens, como o arroz.

A utilização das roças particulares é complexa porque é feita seguindo o sistema de parentesco tribal. A partir do momento em que a roça é plantada, as mulheres são responsáveis por ela, executando sua limpeza e colheita. As mulheres dividem o direito de usar uma dada roça entre irmãs reais e classificatórias, mães e filhas classificatórias e possivelmente outros parentes mais distantes. Assim é difícil estimar a área disponível de roça para cada família. No entanto pode-se notar uma diferença de tamanho entre famílias que dispõem de um número de homens elevado para abrir uma área maior. O recrutamento de mão de obra masculina pode ser efetuada através de redes de parentesco ou pagamento que nem todas as famílias tem condições de fazer. O resultado é que, apesar da circulação constante de víveres entre habitantes da aldeia, existe uma desigualdade nas reservas de alimentos que cada família adquire. A abertura de grandes roças comunitárias foi então empreendida com a finalidade de solucionar a desigualdade, isto com o incentivo do chefe de posto.

Teoricamente a idéia tem fundamento pois se houvesse bastante comida para todo mundo, não haveria acusações de roubo das roças ou abuso da roça comunitária por parte de algumas famílias. Como incentivo os homens foram prometido material de trabalho como machado e uma certa quantidade de alimentos a serem fornecidos pelo posto. Assim os homens do Onça abriram uma grande roça a custo de aproximadamente 450 homens/dias de trabalho. A dificuldade surgiu na plantação e manutenção da roça, pois as mulheres não se entusiasmaram pelo projeto. O resultado é que apesar de ter hoje uma grande área de mandioca e milho, uma porção da superfície preparada não foi plantada ou mantida, assim desperdiçando o trabalho dos homens. As relações atuais entre a FUNAI e a comunidade não dão espaço para dialogar com a população feminina, que embora não tenha uma presença política pública, influencia as decisões da vida econômica, em particular os cultivos, base da subsistência dos Xikrin. Todavia a previsão para a produção de alimentos está sensivelmente melhor do que um ano atrás.

A COLETA

Os Xikrin coletam vários produtos silvestres: mel (na estação seca), ingá, píqui, ovos de tracajá, óleo de côcô, babaçu, genipapo e frutos não domesticados. Em épocas certos desses produtos formam uma proporção significativa na dieta como os ovos de tracajá. Nessas ocasiões, expedições são organizadas com a finalidade de coletar esses produtos. Também são organizados grupos para coletar material necessário para a fabricação de artesanato como taquara, várias espécies de cipós, madeira para fazer remos, etc... A divisão do trabalho varia conforme a finalidade da expedição. Por exemplo, tanto homens quanto mulheres se organizam para derrubar Ingá. Os jovens (menôrôny) coletam taquara para os homens com crianças (mekrare). Os produtos silvestres costumam ser coletados durante o curso de outras atividades como expedições de caça.

A castanha do Pará é a principal coleta dos Xikrin, representando, junto com o artesanato a única fonte de renda da comunidade, além de servir como alimento. Os castanhais explorados pelos grupos de coleta se estendem para dentro da mata e se dispõem nas duas margens do rio Bakajá. (Muller et al. 1979) mostra que os castanhais utilizados pelos índios, ultrapassam as fronteiras da reserva Xikrin na direção do norte e do sul. Este ano os homens do Onça passaram quase três semanas fora da reserva no castanhal "Gericuá" ao sul da reserva. Nesse ano, o grupo do Mauré passou um tempo da mesma duração no castanhal "Goiaba" ao norte da reserva. Se não houvesse ocorrido um empecilho com o barco que transportava castanhas, estes grupos teriam passado mais tempo fora da reserva.

Os Xikrin fazem coleta de castanha desde os primeiros anos depois do contato. No passado houve repetidas ocasiões em que os Xikrins não receberam os lucros da venda do produto. Até hoje permanece uma grande insegurança acerca da colheita da castanha e seus lucros. Há entre os índios, dúvidas quanto a divisão e distribuição dos lucros entre os índios que participam do trabalho da colheita. O fato dos Xikrins ainda não saberem lidar

com dinheiro traz dificuldades para um cálculo da relação entre a quantidade de caixas de castanha e a quantia em dinheiro a ela equivalente.

A cada ano, a FUNAI vem modificando os critérios de comercialização do produto e a remessa dos lucros. Tal fato, ainda que involuntariamente, provoca desconfiança na população da aldeia xikrin, que não consegue entender o funcionamento destas regras, que sempre se modificam, apesar de todos os esforços do Chefe de Posto, que tenta explicar detalhadamente as diversas etapas do processo. É importante que seja estabelecido um procedimento mais constante e mais eficaz, para que os Xikrins possam desenvolver uma maior confiança na FUNAI atuando como sua administradora e intermediária neste negócio.

A complexidade deste tipo de produção, onde não apenas o preço flutua no mercado regional, mas ainda a quantidade variável de mercadoria para a aldeia precedendo a venda do produto e que são descontados posteriormente dos lucros obtidos, tudo isso executado a partir de critérios que mudam a cada ano, contribuem para tornar esta transação comercial, uma atividade bastante problemática.

EDUCAÇÃO

Há vários anos, o posto possui uma escola que funciona diariamente, em dois turnos, com uma professora em regime de dedicação exclusiva. Está em cogitação o acréscimo de um turno noturno, para a população adulta. A educação é feita na língua portuguesa, e tem como objetivo o ensino de um português rudimentar escrito e de noções básicas de aritmética elementar. Apesar dos esforços da professora, os resultados são decepcionantes. Os melhores alunos sabem escrever seu nome, e sabem contar até 10, conhecem algumas palavras de português. Vários estudos pedagógicos demonstram a impossibilidade de aprender a escrever uma língua que não se sabe falar. (Trudgill, 1974). Seria aconselhável o ensino mais acurado e profundo do português falado, condição sine qua non para uma aprendizagem mais eficaz da língua

escrita. Ainda, deveria ser eventualmente considerada a implantação de um projeto de educação bilingüe.

Acredito ser urgente o ensino da aritmética básica para os adultos, o que teria como efeito a aquisição de uma maior independência e compreensão das transações de venda e de compra, a primeira de artesanato e castanhas e a última de artigos produzidos pela sociedade brasileira envolvente. Para alcançar o objetivo de ensinar o lado prático da matemática, poderiam ser introduzidos situações reais.

Vale ainda lembrar que durante os meses de março e abril, a escola parou de funcionar pois o material escolar pedido com antecedência não foi providenciado e mandado a tempo.

SÁUDE

Em julho de 1984, a situação de saúde da aldeia estava precária e vários casos de malária eram registrados diariamente. A estatística de 1984 compilada pelo chefe de posto e a EVS é assustadora, havendo 305 casos de malária registrados numa população de 180 pessoas. A desnutrição é outro problema sério. A alta mortalidade infantil durante o período perinatal é exemplificado pelos dados de 1984, quando das 4 crianças nascidas, apenas 1 sobreviveu.

No entanto, as condições de saúde, tem melhorado nos últimos 6 meses. O chefe de posto incentivou o derrubamento e plantio de grandes roças que vão suprir as deficiências alimentares. As casas da aldeia foram borrificadas com DDT em janeiro, resultando na diminuição dos casos de malária que costumam se exacerbar na estação das chuvas.

O projeto Carajás chegou à aldeia Xikrin no dia 28 de março de 1985, com uma equipe médica volante. Esta prestou serviços médicos e dentários, colheu amostras de sangue e fezes e trouxe remédios valiosos, entre os quais, a primaquina já em falta há vários meses. Outro avião do projeto Carajás visitou a aldeia pouco depois, trazendo remédios e suplementação para a merenda

escolar.

Com os esforços conjuntos dos funcionários da FUNAI, dos índios e do projeto Carajás, as condições de saúde da aldeia Xikrin estão se aprimorando.

INVASÃO DA RESERVA

Quando acompanhei os Xikrin no trabalho de coleta no castanhal chamado "Visarte e Seis" pude constatar que elementos "civilizados" já tinham coletado algumas castanhas lá. Os índios reclamaram ao chefe de posto, mas este último não tinha meios de conferir se realmente foi uma invasão da reserva. De qualquer forma, o movimento pelo rio Bakaja de peões rumo ao garimpo Mundo Novo fixado no rio afluente Manezão parece transgredir as fronteiras da reserva. Esta situação deve ser investigada e regularizada já que o chefe do posto anterior, Sr. Batista, (1981), registra um "atrito entre garimpeiros na área do Garimpo Manezão. Deste atrito resultou a morte da filha do capitão Onça".

O capitão Onça afirma que a pescaria tem diminuído sensivelmente desde a implantação do "garimpo do Joel", fora das reservas nas cabeceiras do rio Bakajá. Mais uma vez é impossível, sem análises químicas da água saber se a diminuição da população de peixes é resultado de contaminação,

Outro fato a ser investigado é a presença de uma operação de garimpo nas extremidades leste da reserva. Há evidência de que duas vezes por semana um avião de pequeno porte sobrevoa a aldeia nessa direção. Por sua vez, o chefe de posto permanece impotente já que não tem condições de constatar o fato da penetração das fronteiras da reserva.

VIDA CERIMONIAL DOS XIKRIN

O ânimo do grupo pode ser avaliado em parte pelas festas e ceri-

mônias que vêm sendo realizados. Eu presenciei a festa da palha, Bô, duas festas me rër mēx (gente que se faz bonita), uma que terminou em setembro e outra mais curta realizada em março e abril. Esta festa é também muito freqüente entre os Xikrin do Cateté. Um ponto interessante desta cerimônia é que as mulheres controlam os preparativos que precisam ser realizados antes da culminação do rito. Por exemplo, são as mulheres que determinam quando os homens vão fazer a caça coletiva pegando jaboti para o consumo durante os últimos dias da festa. Isto mostra mais uma vez a influência feminina na comunidade e mostra que enquanto as tensões entre as facções dos homens dificultam ações comunitárias, as mulheres adultas tem se mostrado mais capazes de mobilizar a comunidade como um todo.

Com a melhoria do quadro de saúde e de alimentos, e a existência de muitas crianças, os Xikrin estão discutindo a realização de diversos ritos de nominação: o me bi ôk (masculino), Bemp, Ngrei e Tàkàk. Isto é bastante significativo, pois durante muitos anos não foram realizados. Por exemplo, desde o contato, os índios não fizeram a grande festa Bemp. Sua realização fornece uma preciosa oportunidade para os mais velhos passarem seu conhecimento ritual às novas gerações Xikrin.

Resumindo, a situação atual dos Xikrin é animadora, especialmente em relação à saúde da aldeia e à sua capacidade de produzir alimentos. Contudo, o aumento populacional pode traduzir-se numa escassez de caça e pesca nos arredores do posto. Caso isto aconteça, os índios discutem a idéia de se mudar para uma aldeia mais embaixo no rio Bakajá para facilitar a mobilidade pelo rio para pescar e caçar, porque o nível das águas do rio no local da aldeia atual se torna baixo demais na estação das secas dificultando o transporte fluvial. Esta possibilidade torna mais urgente ainda a resolução das fronteiras da reserva de modo a incluir todas as áreas de perambulação do grupo, especialmente os castenhais localizados ao norte da atual reserva.

BREVE HISTÓRICO DA PESQUISA E PERSPECTIVAS

Entrei, pela primeira vez, na reserva Xikrin em 12 de Julho de 1984, em companhia da Sra. MONIQUE NANCY SESSLER, minha assistente de pesquisa. No dia 31 de agosto, sofri o primeiro ataque de malária e continuei a sofrer ataques repetidos até 25 de setembro de 1984 quando saí da área. Durante os ataques, não podia trabalhar. Em Altamira, recebi um tratamento contra a malária (falciparum) pela SUCAM, mas a malária tinha causado uma anemia severa que me deteve. Quando recebi alta médica, retornei à área, onde permaneci do dia 15 de janeiro de 1985 até o 28 de abril de 1985, saindo outra vez devido à obrigações acadêmicas assumidas previamente. A Sra Monique Sessler deixou a reserva no dia 13 de agosto de 1984. Durante sua estadia na reserva, ela pôde coletar informações sobre parentescos e atividades femininas além de ajudar na administração de serviços médicos à comunidade, pois na época da nossa chegada, o posto se encontrava sem atendente. Aproveito para informar que incorporei as observações da Sra Sessler na minha análise da situação dos Xikrin.

Minhas atividades iniciais foram, principalmente, as de um observador participante na comunidade. Acompanhei os índios nas caçadas, pescarias, grupos de trabalho nas roças e também participei como observador nas danças e assembléias noturnas. Neste tempo, comecei a aprender a língua Xikrin.

Durante a minha segunda estadia junto aos Xikrin, continuei a trabalhar nas atividades quotidianas, mas procurei aprender a língua mais intensamente, e comecei a trabalhar sistematicamente com vários informantes.

Pretendo, no ano de trabalho de campo intensivo, focalizar, de modo mais acurado, alguns dos aspectos centrais da cultura Xikrin, o que só é possível nesta etapa quando consigo dominar com mais desenvoltura o idioma Kayapó. Todas as questões enfocadas no presente relatório merecem um tratamento mais profundo. Ainda, é bom lembrar que meu projeto de pesquisa, prevê uma permanência mais longa na área, uma vez que seu cum-

primento pressupõe um conhecimento mais amplo e detalhado das questões. Tal pesquisa deverá se desenvolver, num prazo de aproximadamente doze meses, a fluir a partir de 16 de julho do corrente.

— " —

Niterói, 29 de Maio de 1985

2p

Ilmo. Sr.
Diretor da AESP
Fundação Nacional do Índio
SIA trecho 4, Lote 750
Brasília-DF, 71.200

Prezado Senhor:

Tenho o prazer de encaminhar a V. Sa. RELATÓRIO referente ao Projeto de Pesquisa que venho desenvolvendo entre os índios Xikrin do Bacajá (Autorização da FUNAI nº005/Pres/84).

Na oportunidade, solicito a V. Sa. que se digne a prorrogar minha autorização por mais 12 meses a partir do 16 de julho próximo, para que possa levar a termo o projeto de pesquisa sob minha responsabilidade, " A Relação entre os Usos Materiais e Simbólicos de Vegetais pelos Kayapo-Xikrin".

Certo de poder contar com V. Sa. , aproveito para colocar-me a sua disposição para qualquer esclarecimento suplementar, e para, mais uma vez reiterar meus mais altos protestos de estima e consideração.

Respeitosamente

29 de Maio de 1985

WILLIAM HARRY FISHER

William H. Fisher